

## REVITALIZAÇÃO DE IGREJAS: UMA REFLEXÃO TEOLÓGICAMENTE ORIENTADA

*Valdeci Santos\**

### RESUMO

A revisão da literatura sobre revitalização de igrejas evidencia variadas abordagens sobre o tema. Uma análise da maioria representativa dessas abordagens indica a orientação pragmática como denominador comum no fator motivacional dos missiólogos e estudiosos do assunto. Há, dessa maneira, necessidade premente de uma abordagem direcionada pelo ensino bíblico-teológico sobre esse tópico. Partindo da premissa básica de que a igreja cristã é muito mais do que um construto social ou cultural, o autor do artigo propõe uma análise teológica sobre a revitalização de igrejas que revele os princípios e pressupostos bíblicos necessários para estruturar as estratégias empregadas no esforço de recuperação da vitalidade de igrejas em declínio. Este artigo se divide em três partes básicas. A primeira estabelece os fundamentos teológicos necessários à compreensão do ciclo de vida de uma igreja. A partir do entendimento de algumas doutrinas bíblicas é possível refletir e discutir a necessidade da revitalização de igrejas, bem como nutrir expectativas teologicamente saudáveis a esse respeito. A segunda parte do texto considera os principais princípios bíblicos a serem aplicados no processo revitalizador de uma igreja. Devido à concisão deste artigo, os princípios discutidos são resumidos a quatro, mas o estudioso bíblico poderá identificar outros preceitos relacionados a esse assunto. Finalmente, a terceira parte consiste da sugestão de várias estratégias

---

\* O autor é ministro presbiteriano e pastor da Igreja Cristã Reformada de Campo Belo, em São Paulo. É formado em Missões Urbanas pelo Reformed Theological Seminary (RTS), em Jackson, Mississippi, e em Aconselhamento Bíblico pela Christian Counseling Educational Foundation (CCEF), em Filadélfia. É professor de teologia pastoral e sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ) e no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (JMC), bem como coordenador do programa de Doutorado em Ministério do RTS/CPAJ.

a serem empregadas por uma liderança comprometida com a revitalização de igrejas. Cada estratégia sugerida está intimamente relacionada com os fundamentos teológicos e os princípios bíblicos discutidos anteriormente. Dessa forma, o autor procura desenvolver uma abordagem alternativa da revitalização de igrejas e contribuir para o estudo sobre esse tema de tamanha relevância acadêmica e prática.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Revitalização de igrejas; Fundamentos teológicos; Princípios bíblicos; Estratégias; Pragmatismo.

### **INTRODUÇÃO<sup>1</sup>**

“Revitalização de igrejas” já se tornou uma expressão popular, comumente empregada na literatura missiológica, em trabalhos acadêmicos e até em cursos específicos de graduação.<sup>2</sup> O uso frequente da expressão, no entanto, não descarta a necessidade de maiores esclarecimentos ou mesmo de algumas abordagens diferentes sobre sua natureza. Na verdade, grande parte da literatura sobre esse assunto consiste em tratamentos pragmáticos, justificando a preocupação com a baixa frequência das igrejas e estabelecendo modelos de revitalização que procuram reproduzir o sucesso de algumas instituições com alto crescimento numérico.<sup>3</sup> Por exemplo, três renomados missiólogos contemporâneos defendem que a igreja precisa de mudanças e revitalização “porque ela tem demonstrado pouco ou nenhum crescimento estatístico (numérico, espiritual e outras formas) e evidencia um impacto mínimo na cultura ao redor”.<sup>4</sup> A proposta para recobrar a vitalidade nesses casos geralmente implica em

<sup>1</sup> O conteúdo deste artigo foi apresentado na *Internationale Consultatie over Revitalisering en Kerkplanting* (Consulta Internacional sobre Revitalização e Plantação de Igrejas), ocorrido em Doorn, Holanda, nos dias 28-29 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Cf. READER III, Harry; SWAVELY, David. *A revitalização da sua igreja segundo Deus*. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011; ROSS, Michael. *Preaching for revitalization: How to revitalize your church through your pulpit*. Scotland: Christian Focus Publications, 2006; LINTHICUM, Robert. *Revitalizando a igreja local*. Trad. Heloisa Dusilek. Rio de Janeiro: Bom Pastor, 1996; BARRETO, Jonas Mendes. *Revitalização da igreja: Vida e saúde para a missão das igrejas urbanas*. Belo Horizonte: Efhata, 1999; RAMOS, André L. *Revitalização para o cumprimento da missão da igreja*. Projeto Ministerial Aplicado do D.Min. no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2009. Há ainda o curso de Doutorado em Ministério com ênfase em revitalização de igrejas ministrado no Reformed Theological Seminary de Charlotte, Carolina do Norte, e algumas especializações em revitalização de igrejas oferecidas pelo Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, e pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em São Paulo.

<sup>3</sup> Cf. WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Editora Vida, 1998; MALPHURS, Aubrey. *Pouring new wine into old wineskins*. Grand Rapids, MI: Baker, 1993; STROBEL, Lee. *Inside the mind of the unchurched Harry & Mary*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1993.

<sup>4</sup> TOWNS, Elmer; STETZER, Ed; BIRD, Warren. *11 inovations in the local church*. Ventura, CA: Regal, 2007, p. 14.

reestruturar igrejas “nos moldes de Willow Creeks, Saddlebacks, Mars Hills e todas as outras megaigrejas que surgiram na última década”.<sup>5</sup> Até denominações reconhecidamente conservadoras partem de análises estatísticas para justificar a necessidade de se focalizar na revitalização de suas congregações.<sup>6</sup> O problema é que as abordagens nesses casos são mais horizontais do que verticais, mais sociológicas do que teológicas. Logo, a despeito da grande quantidade de literatura sobre o assunto, ainda há a necessidade de uma abordagem que seja teologicamente orientada sobre o processo de revitalização de igrejas.

O propósito deste artigo é oferecer uma reflexão sobre revitalização de igrejas que revele o ensino bíblico-teológico sobre o assunto. Almeja-se ressaltar alguns princípios bíblicos aplicáveis a qualquer igreja de qualquer contexto cultural. A premissa básica para esta abordagem é que os métodos empregados no processo de revitalização podem até variar, mas os princípios e pressupostos bíblicos devem ser sempre mantidos e preservados. A razão fundamental para essa análise é o fato de a igreja ser retratada nas Escrituras muito mais do que como um construto social ou como uma instituição humana. A igreja é descrita como o corpo vivo de Cristo (Ef 1.22-23), o objeto do amor de Cristo (Ef 5.25-27) e a assembleia dos primogênitos do Deus vivo (Hb 12.22-23). Dessa forma, qualquer análise da igreja que não considere sua natureza teológica acaba se revelando deficiente.

Antes de prosseguir neste estudo é necessário deixar claro o conceito aqui empregado em relação à revitalização. Os inúmeros tratamentos sobre esse assunto, bem como o crescente interesse sobre o tema, exigem definição clara do que se entende sobre esse termo a fim de evitar confusões futuras. A concepção de revitalização neste estudo é a mesma defendida por Michael Ross, ou seja,

... o processo por meio do qual uma igreja é redirecionada à sua missão de evangelização e edificação, bem como renovada no esforço de ministrar aos outros de tal forma que o crescimento numérico, espiritual e organizacional se torna uma realidade.<sup>7</sup>

Nesse sentido, revitalização de igrejas é diferente de avivamento ou despertamento espiritual, visto que essas duas realidades são resultantes de visitas especiais do Espírito Santo sobre o seu povo.<sup>8</sup> Por outro lado, revitalização de igreja não consiste em mera programação eclesial, uma vez que essa é

<sup>5</sup> MACDONALD, Gordon. *Who stole my church? What to do when the church you love tries to enter the 21st century*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 2007, p. vii.

<sup>6</sup> Equipping Team, Church Planting Group, North American Mission Board. *How to turn a church around: Church revitalization*. Alpharetta, GA: Southern Baptist Convention, 2006.

<sup>7</sup> ROSS, *Preaching for revitalization*, p. 21.

<sup>8</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Avivamento*. São Paulo: PES, 1992, p. 54; LLOYD-JONES, D. Martyn. *Os puritanos: Suas origens e seus sucessores*. São Paulo: PES, 1993, p. 15-16.

apenas uma atividade temporária para atender a uma necessidade específica da igreja local. Revitalização é uma palavra que abriga em si a esperança da renovação do vigor, da restauração da saúde e crescimento já experimentados, do redirecionamento do propósito original e bíblico da igreja, bem como da reafirmação das doutrinas e valores bíblicos. O resultado de um processo assim é, certamente, um novo refrigério do Espírito sobre a vida da igreja. A contribuição de Ross é novamente útil nesse ponto, pois ele argumenta que “revitalização é o esforço de restaurar o propósito, paixão, pureza e prioridades corretas à vida e ministério da congregação local, mas não é uma tentativa de produzir avivamento por meio de técnicas avivalistas”.<sup>9</sup>

Na tentativa de facilitar a compreensão, este artigo será dividido em três subtópicos seguidos de uma conclusão. Em primeiro lugar será discutido o ciclo de vida da igreja sob a perspectiva teológica. Dentro desse tema serão abordados alguns pressupostos doutrinários fundamentais para se considerar o processo de revitalização de igrejas. Em segundo lugar, procurar-se-á destacar alguns princípios bíblicos a serem observados no processo de revitalização de igrejas. Os princípios aqui enfocados serão apenas aqueles essenciais, uma vez que essa reflexão necessita ser concisa. Finalmente, após analisar os dois primeiros subtópicos, serão apresentadas algumas estratégias teologicamente orientadas a serem implementadas em um processo de revitalização de igrejas. Cada uma dessas estratégias encontra-se fundamentada na explanação teológica objetivada nos assuntos anteriores. Dessa forma, este artigo visa a contribuir com o debate sobre o assunto por meio do oferecimento de uma reflexão teologicamente orientada.

## 1. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS SOBRE O CICLO DE VIDA DA IGREJA LOCAL

Vários estudiosos dedicados ao ministério de revitalização de igrejas têm constatado que de modo semelhante ao que acontece no universo biológico é possível afirmar que uma igreja local experimenta diferentes etapas no seu ciclo de vida.<sup>10</sup> A formação de uma congregação local é, geralmente, marcada por vigor e alegria, especialmente à medida que se observa pessoas sendo alcançadas pelo poder do evangelho. Com o passar do tempo, porém, a vitalidade inicial da congregação pode sofrer contratemplos e entrar em declínio devido a variados fatores, sejam eles espirituais, culturais, doutrinários, relacionais e outros.<sup>11</sup> A esse respeito Charles Swindoll observa que “as organizações ten-

<sup>9</sup> ROSS, *Preaching for revitalization*, p. 24.

<sup>10</sup> Cf. Equipping Team, Church Planting Group, *How to turn a church around*, p. 1; READER III e SWAVELEY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 38.

<sup>11</sup> Cf. MILLER, C. John. *Outgrowing the ingrown church*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999, p. 27-38. Miller argumenta que uma igreja entra em declínio quando ela evidencia sete características básicas, das quais ele enfatiza uma visão egocêntrica e limitada acerca do Reino de Deus, falta de clareza acerca do papel da liderança e o desvio do propósito de sua missão conforme revelado pelas Escrituras.

dem a perder a vitalidade ao invés de ganhá-la à medida que o tempo passa. Elas tendem a dar maior atenção ao que ‘foram’ ao invés do que elas ‘estão’ se tornando”.<sup>12</sup> D. Martyn Lloyd-Jones, por sua vez, chama a atenção para o

... testemunho que a história dá do terrível perigo que correm as instituições que começam nas linhas certas e excelentemente, de mudar gradativamente, de maneira quase imperceptível, vindo a ser uma coisa que é quase o seu exato oposto.<sup>13</sup>

Nem mesmo as igrejas mais saudáveis estão isentas do risco desse declínio.

O consenso acerca do ciclo de vida da igreja não é fruto de observação meramente experimental, mas a própria Bíblia atesta a sua realidade. Por exemplo, um estudo sobre a igreja de Éfeso a partir das referências bíblicas sobre a mesma deveria ser suficiente para nos convencer quanto ao fato de que a congregação que começa bem, revelando altos índices de vitalidade, nem sempre mantém essa vitalidade com o passar dos anos (cf. At 19-20; 1Tm 1 e Ap 2.1-7). O mesmo ciclo de vida pode ser encontrado nos relatos acerca das sete igrejas da Ásia, conforme encontrados no início de Apocalipse (cf. Ap 1-3).<sup>14</sup> Finalmente, uma leitura das cartas paulinas ao jovem pastor Timóteo, considerando que o apóstolo enviou Timóteo a Éfeso para corrigir alguns erros naquela congregação (cf. 1Tm 1.3), deveria ser suficiente para motivar o estudo daquelas cartas como “um manual para a revitalização de igrejas”.<sup>15</sup> Em todos esses casos, a condição de declínio das igrejas em questão exigia esforços em prol da restauração do vigor perdido.

Há, no mínimo, quatro doutrinas cristãs intimamente relacionadas ao fato de uma igreja poder experimentar diferentes estágios em sua vida, podendo, inclusive, chegar ao ponto de urgente necessidade de revitalização. Embora seja possível identificar outras doutrinas conectadas a esse fenômeno, aquelas que serão listadas aqui são suficientes para uma reflexão teológica sobre o assunto.

A primeira doutrina a ser considerada em relação à eventual necessidade de revitalização de uma igreja local é a que diz respeito à natureza orgânica da igreja cristã. As Escrituras claramente retratam a igreja de Cristo como um organismo e não apenas uma organização. Isso fica evidente por meio das me-

<sup>12</sup> SWINDOLL, Charles. *Apud* Equipping Team, Church Planting Group, How to turn a church around, p. 1.

<sup>13</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Discernindo os tempos: Palestras proferidas entre 1942 e 1977*. São Paulo: PES, 1994, p. 298.

<sup>14</sup> PARK, Hyung Woo. An effective strategy for church revitalization through a case study of Hosanna Church. Tese de D.Min. apresentada ao Liberty Baptist Theological Seminary, Lynchburg, VA, 2009, p. 16-17.

<sup>15</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 27.

táforas bíblicas empregadas para descrever a igreja. Por exemplo, o corpo de Cristo (1Co 12.12-27), a família de Deus (Ef 3.14 e 4.19-22), a assembleia dos santos (Hb 12.22-24), a noiva do Cordeiro (Ef 5.32 e Ap 21.9-10), os ramos de uma vinha (Jo 15.5), etc. Cada uma dessas metáforas contém em si o conceito de vitalidade que caracteriza o organismo chamado igreja. Todavia, essa vitalidade não é autônoma, mas totalmente dependente do Senhor Jesus. Essa misteriosa união orgânica de Cristo com a igreja, como afirmou R. B. Kuiper, “significa que a igreja não tem vida à parte de Cristo e que recebe de Cristo a vida que ela tem”.<sup>16</sup> O fato de Cristo ser a cabeça da igreja significa que toda a vida e nutrição da mesma emanam de Cristo. Recentemente, Mark Dever tem exortado os cristãos a refletirem melhor sobre esse assunto enfatizando: “A igreja é um povo, não um lugar, nem uma estatística. É um corpo, unido a Cristo, que é a cabeça. É uma família, unida por adoração por meio de Cristo”.<sup>17</sup>

A doutrina da natureza orgânica da igreja necessita ser reafirmada e melhor apreciada até mesmo pela tradição reformada. Segundo a tradição reformada, a igreja é caracterizada pela pregação da Palavra, a ministração dos sacramentos e a administração da disciplina.<sup>18</sup> No entanto, Richard R. De Ridder faz uma observação relevante ao dizer: “Segundo esse ponto de vista a igreja se torna um lugar onde algumas coisas são realizadas, ... mas nem sempre ela é vista como um grupo que Deus trouxe à existência para realizar uma missão”.<sup>19</sup> A ênfase sobre a natureza orgânica da igreja parece ser suficiente para corrigir quaisquer interpretações errôneas a esse respeito. Segundo essa perspectiva, a igreja não é apenas um lugar em que se realizam algumas coisas, mas um corpo vivo que se compromete a representar Deus no mundo.

A partir da compreensão da natureza orgânica da igreja é possível perceber que sua vitalidade é dependente da comunhão dessa mesma igreja com o seu Cabeça, ou seja, Cristo. Em certo sentido, a igreja verdadeira, aquela igreja gloriosa, também chamada igreja invisível ou triunfante, sempre manterá contínua comunhão com o seu Senhor, pois já se assenta nas regiões celestiais em Cristo (cf. Ef 1.3). No entanto, a representação visível dessa igreja, ou seja, as igrejas particulares, também chamadas igrejas locais, podem experimentar momentos de declínio espiritual e distanciamento do Senhor Jesus. Essa verdade foi corretamente expressa pelos puritanos ingleses que declararam que as igrejas locais podem ser “mais ou menos puras conforme nelas é, com

<sup>16</sup> KUIPER, R. B. *El cuerpo glorioso de Cristo: La santa iglesia*. Grand Rapids, MI: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1980, p. 87.

<sup>17</sup> DEVER, Mark. *O que é uma igreja saudável?* São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009, p. 33.

<sup>18</sup> *Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1984, XXV, p. 49.

<sup>19</sup> DE RIDDER, Richard R. *Discipling the nations*. Grand Rapids, MI: Baker, 1971, p. 213.

mais ou menos pureza, ensinado e abraçado o Evangelho”.<sup>20</sup> Em se tratando de um organismo, a igreja pode enfermar, entrar em decadência ou mesmo morrer. Sempre que uma congregação experimenta tais estágios de declínio, ela necessita de esforços em prol da recuperação da sua vitalidade.

Outra doutrina intimamente relacionada aos ciclos de vida de uma igreja local é aquela que diz respeito à natureza dinâmica da fé salvadora. A esse respeito é importante considerar que a Bíblia afirma que o cristão é salvo pela graça mediante a fé (Ef 2.8) e é, ao mesmo tempo, identificado por meio dessa fé (1Jo 5.1). O moto central das Escrituras acerca da vida do cristão é que “o justo viverá pela fé” (cf. Hb 2.4 e Rm 1.17). Ao discorrer sobre a fé salvadora os teólogos têm feito cuidadosa distinção entre a crença geral em Deus (fé geral e temporária) e a fé que se encontra enraizada no coração regenerado do crente, ou seja, a fé em Cristo como o único Senhor e Salvador.<sup>21</sup> Essa fé ainda tem sido definida como “uma convicção segura, operada no coração mediante o Espírito Santo, a respeito da verdade do evangelho, e uma confiança sincera nas promessas de Deus em Cristo”.<sup>22</sup> De fato, nenhum cristão em perfeito juízo ousaria questionar a necessidade da verdadeira fé em Cristo para a salvação de uma pessoa.

Há, no entanto, outros aspectos da fé salvadora que precisam ser igualmente compreendidos e enfatizados. Por exemplo, a Bíblia apresenta a fé como algo dinâmico e não estático. Nesse sentido, é possível encontrar relatos nas Escrituras daqueles que apresentaram uma fé “pequena” (Mt 6.30) e outros uma “grande fé” (Mt 15.28); alguns possuíam uma fé mesclada com a dúvida (Mt 14.31) e outros uma fé admirável (Lc 7.9). Há ainda outros episódios na Bíblia em que algumas pessoas pediram que Cristo lhes aumentasse a fé (Lc 17.5-6 e Mc 9.24). Consequentemente, a fé dos servos de Deus é dinâmica, podendo ser aumentada ou mesmo desfalecer. A esse respeito os puritanos afirmaram: “Esta fé é de diferentes graus, é fraca ou forte; pode ser muitas vezes e de muitos modos assaltada e enfraquecida, mas sempre alcança a vitória, atingindo em muitos a uma perfeita segurança em Cristo”.<sup>23</sup> O fato é que, por ser assim dinâmica, a fé do cristão pode experimentar momentos de fraqueza e declínio e quando isso ocorre, a igreja na qual ele está inserido é sempre afetada. Dependendo do impacto e da quantidade de membros a experimentar esse declínio na fé, a vitalidade da igreja pode ficar comprometida, carecendo assim de esforços em prol da revitalização da congregação.

<sup>20</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, XXV.iv, p. 49.

<sup>21</sup> Cf. BERKHOF, L. *Teologia sistemática*. Grand Rapids, MI: TELL, 1983, p. 602; WELLS, Tom. *Fé – dom de Deus*. São Paulo: PES, 1985, p. 85.

<sup>22</sup> BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 602; HODGE, A. A. *Confissão de fé Westminster comentada por A. A. Hodge*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999, p. 276.

<sup>23</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, XIV.iii, p. 27.

A terceira doutrina a ser considerada em relação à vitalidade de uma igreja é aquela que trata da santificação, especialmente o aspecto progressivo da mesma. Santificação pode ser definida como aquele processo mediante o qual o cristão é conformado à imagem de Cristo (Rm 8.29). Ao longo dos anos a teologia protestante tem sustentado que, ao contrário do que ocorre na justificação, que é um ato de Deus sem qualquer participação humana, no processo da santificação o homem tem participação ativa em harmônica cooperação com o Espírito Santo.<sup>24</sup> Enquanto por meio da justificação Deus declara os redimidos justos, no processo da santificação eles passam a praticar atos de justiça. Na verdade, o processo de santificação consiste tanto do “despojar-se do velho homem” como do “revestir-se do novo homem” (cf. Ef 4.22-24), ou seja, tanto da mortificação dos hábitos pecaminosos como da vivificação dos atos de justiça. Como corretamente afirma Berkhof, “com a dissolução gradual do velho, o novo se manifesta”.<sup>25</sup> Em todo esse processo, o relacionamento diário com o Senhor é decisivo, pois “todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18). Somente assim o cristão será santo, como santo é o seu Pai celestial (1Pe 1.15-16).

Ainda que haja divergência sobre o assunto, a maioria dos protestantes confessa que “esta santificação é no homem todo, porém imperfeita nesta vida”.<sup>26</sup> No entanto, esse processo é uma “obra progressiva que continua ao longo de sua vida terrena”.<sup>27</sup> Por essa razão é comum se referir à santificação como sendo não apenas posicional, mas também progressiva.<sup>28</sup> Essa progressividade, porém, não é algo uniforme na vida dos crentes e muito menos ininterrupta. Há alguns cristãos que se mostram tardios e lentos no crescimento espiritual (Hb 5.1) e outros que até retrocedem em alguns assuntos básicos (Gl 3.1-3). Logo, há ocasiões em que o processo de santificação não se revela progressivo, mas até mesmo regressivo. O grande conforto, porém, emana da promessa bíblica de que Aquele que começa boa obra na vida dos seus filhos sempre a completa (Fp 1.6). Por essa razão os puritanos afirmavam que nesta vida,

<sup>24</sup> GRUDEM, Wayne. *Systematic theology: An introduction to biblical doctrine*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994, p. 753-756; BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 639.

<sup>25</sup> BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 639.

<sup>26</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, XIII.ii, p. 26.

<sup>27</sup> GRUDEM, *Systematic theology*, p. 746.

<sup>28</sup> ANDERSON, Neil T.; SAUCY, Robert. *Santificação: Como viver retamente em um mundo corrompido*. São Paulo: Vida, 2000.

... embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que ficam, contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador Espírito de Cristo, a parte regenerada do homem novo vence, e assim os santos crescem na graça, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.<sup>29</sup>

Este aspecto processual da santificação individual do cristão também se reflete no macrocosmo da igreja local, o que faz com que muitas igrejas declinem na santidade e necessitem de revitalização.

Finalmente, a doutrina cristã sobre os últimos acontecimentos, também conhecida como escatologia cristã, igualmente lança luz sobre a possibilidade de a igreja experimentar diferentes ciclos em sua vida sobre a terra. No estudo da escatologia cristã há que se atentar para o fato de que a Bíblia se refere aos últimos dias como algo que diz respeito tanto ao aspecto inaugural do Reino como à sua aguardada consumação. Por exemplo, ao mesmo tempo em que Jesus afirma que o Reino já era uma realidade presente a partir de sua manifestação (Mt 12.28), ele também fez menção ao Reino vindouro (Mt 8.11 e Lc 22.16). Semelhantemente, tanto Pedro como João afirmam que a igreja já vive o período denominado “últimos dias” (cf. At 2.16-17 e 1Jo 2.18). Ainda assim, os cristãos são exortados a aguardar a manifestação de Cristo e a ressurreição do último dia (cf. Jo 6.39-54). Vários teólogos têm descrito esta aparente contradição como sendo a tensão entre o “já/ainda não” ou a “escatologia inaugurada” e a “escatologia a ser consumada”.<sup>30</sup>

Segundo o ensino bíblico acerca das últimas coisas, há vários aspectos do Reino que já se fazem presentes no mundo e especialmente na vida da igreja. Porém, outros tantos ainda aguardam a consumação a ocorrer na segunda vinda de Cristo. Nesse sentido, é correto afirmar que a igreja é triunfante, porém, ela ainda experimenta contratempos nesta vida. Também é correto sustentar que a igreja é santa, mas ao mesmo tempo ela pode ser corrompida por doutrinas errôneas e ser marcada pela impureza em sua jornada pelo mundo. Dessa forma, embora sendo a casa do Deus vivo, a igreja pode se contaminar com alguns aspectos do mundo e expressar tamanha mornidão que ela é veementemente repreendida pelo Senhor (cf. Ap 3.14-22). O fato é que, devido à realidade da tensão entre o “já/ainda não”, a igreja não obterá perfeição neste mundo e poderá sempre cair em profundo declínio ao ponto de necessitar de real revitalização.

Em suma, uma reflexão teológica sobre o ciclo de vida da igreja, bem como algumas doutrinas associadas a esses diferentes estágios corrobora a legitimidade dos estudos e esforços em prol da revitalização da mesma. No

<sup>29</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, XIII.iii, p. 26.

<sup>30</sup> HOEKEMA, Anthony A. *The Bible and the future*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979, p. 17-18; BERKOUWER, C. G. *The return of Christ*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972, p. 108-109; SMITH, Morton H. *Systematic theology*. Greenville, SC: Greenville Seminary Press, 1994, Vol. II, p. 729-731.

entanto, não apenas a reflexão sobre os fundamentos da revitalização devem ser teológicos, mas também a escolha dos princípios e estratégias a serem aplicados no processo revitalizador.

## 2. PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA A REVITALIZAÇÃO DA IGREJA

Qualquer reflexão teológica sobre revitalização de igrejas deve considerar que Deus é tanto o autor como o preservador da vida. Em outras palavras, ele está ativamente comprometido com todo o processo de vivificação, especialmente aquele que diz respeito à restauração da robustez de sua igreja. Aquele que prometeu edificar a sua igreja (Mt 16.18) é o mesmo Cristo vivo que a sustenta em sua mão direita (cf. Ap 1.20). No processo revitalizador de uma igreja em declínio o Senhor geralmente atua por meio de alguns princípios revelados em sua Palavra. Toda pessoa interessada na revitalização de igrejas sabiamente atentará para alguns desses princípios.

Considerando a natureza concisa deste artigo é possível resumir os princípios bíblicos para a revitalização de igrejas em quatro subtópicos principais: liderança participativa, obediência à Palavra de Deus, dedicação à oração e comprometimento com o trabalho evangelístico. Esses princípios não devem ser aplicados à vida da igreja em ordem sequencial, mas de modo concomitante. É importante notar que, em geral, grande parcela dos defensores da abordagem pragmática quanto à revitalização de igrejas consegue identificar alguns desses princípios, mas as recomendações sobre os mesmos seguem padrões do mundo empresarial, corporativo, bem como certas estratégias de marketing, ao invés do ensino bíblico.<sup>31</sup>

Com relação à *importância da liderança* no processo de revitalização da igreja segundo a Bíblia, há, no mínimo, dois exemplos bíblicos a serem considerados. A primeira carta paulina a Timóteo, considerada um manual de revitalização de igrejas,<sup>32</sup> claramente enfatiza o cuidado que o jovem pastor deveria oferecer aos líderes da igreja de Éfeso, aqueles que ensinavam e que presidiam. Paulo escreve sobre as principais qualidades dos bispos, tanto morais, como espirituais e emocionais (1Tm 3). Timóteo ainda foi exortado a admoestar algumas pessoas contra a prática de ensinar doutrinas errôneas (1Tm 1.3-4). Outro exemplo acerca desse assunto pode ser encontrado nas cartas às sete igrejas no livro do Apocalipse, pois nelas Jesus se dirige, primeiramente,

<sup>31</sup> Cf. GANGEL, Kenneth O. Marks of a healthy church. *Biblioteca Sacra* 158 (October-December, 2001), p. 467; WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. São Paulo: Editora Vida, 1998, p. 103-109; SCHWARZ, Christian A. *Natural church development: A guide to eight essential qualities of healthy churches*. Carol Stream, IL: Church Smart Resources, 1996, p. 22-48; WAGNER, Peter C. *Healthy church: Avoiding and curing the 9 diseases that can afflict any church*. Ventura, CA: Regal Books, 1996; MACCHIA, Stephen A. *Becoming a healthy church: Ten traits of a vital ministry*. Grand Rapids, MI: Baker, 1999.

<sup>32</sup> READER III e SWAVELEY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 27.

à liderança espiritual das igrejas, a quem ele chama de “anjos”.<sup>33</sup> Logo, Cristo se dirige primeiramente à liderança de cada igreja que deseja revitalizar.

A relevância da liderança no processo de revitalização da igreja consiste no fato de que, em geral, Deus opera na vida do seu povo a partir dos seus líderes. A. W. Tozer insistia no argumento de que “a história de Israel e Judá apresenta uma verdade ensinada claramente por *toda* a História, isto é, as massas são ou logo serão aquilo que os seus líderes forem”.<sup>34</sup> Em outras palavras, a igreja seguirá os seus líderes. A razão básica desse fator influenciador consiste no fato de que “de maneira simples, liderança é *influência*”.<sup>35</sup> Harry Reeder é tão enfático em relação a esse assunto que ele afirma: “Na verdade, os líderes exercem tal impacto sobre as pessoas que uma igreja não pode ser revitalizada sem bons líderes”.<sup>36</sup> A partir dessa constatação, há que se concluir que um dos primeiros esforços em prol da restauração da vitalidade em uma igreja é o desenvolvimento de líderes participativos que, mediante o exemplo de caráter, influenciem suas igrejas.

Discorrendo sobre esse princípio, Harry Reeder ainda sugere o tipo de liderança necessária em um processo de revitalização de igrejas. Segundo ele, essa liderança deve possuir, no mínimo, três máximas:

Primeira, bons líderes aprendem com o passado, mas não vivem nele . . . Segunda, bons líderes vivem no presente, mas não se acomodam a ele. Desse modo eles são “termostatos”, em vez de “termômetros”. Os termômetros apenas refletem o ambiente ao redor, enquanto os termostatos mudam o ambiente. E, a terceira, bons líderes olham para o futuro, mas não esperam por ele.<sup>37</sup>

Em cada uma dessas máximas Reeder parece enfatizar a necessidade de o bom líder não se acomodar ou se tornar inoperante, pois se liderança é influência, qualquer atitude do líder acabará refletindo sobre sua comunidade. Por essa razão, a boa liderança cristã, segundo a Bíblia, é aquela que espelha Cristo para os liderados ao invés de tentar copiar o que é atualmente popular no mundo empresarial (cf. Mt 20.25-28).

O segundo princípio de revitalização da igreja encontrado nas Escrituras é a *obediência à Palavra de Deus*. Há amplas referências bíblicas acerca da

<sup>33</sup> Há grande debate sobre a natureza desses “anjos”, se são pastores ou seres angelicais responsáveis pelas igrejas locais. Qualquer opção, porém, não deixa de comprovar a importância da liderança espiritual sobre as igrejas de Cristo. Para maiores informações sobre esse assunto, ver BARCLAY, William. *Apocalipsis*. El Nuevo Testamento comentado por William Barclay. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1975, p. 66-68; HENDRIKSEN, William. *Mais que vencedores*: Interpretação do livro do Apocalipse. São Paulo: CEP, 1987, p. 77-78.

<sup>34</sup> TOZER, A. W. *O melhor de A. W. Tozer*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 64.

<sup>35</sup> MACARTHUR, John. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 8.

<sup>36</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 84.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 85.

função revitalizadora da Palavra de Deus, tanto na vida individual como comunitária (cf. Sl 19.7; 119.50 e 2Ts 1.8-12). Há inclusive, o relato do despertar espiritual ocorrido no reinado de Josias como resultado da redescoberta e obediência à Lei do Senhor (cf. 2Rs 22-23). O fato é que a Palavra de Deus é a espada do Espírito, ou seja, o instrumento mediante o qual ele opera vida no coração do incrédulo e alimenta e vivifica o crente (cf. Jo 5.24 e 1Pe 1.22-2.3). Ao comentar a importância da Palavra de Deus no processo de revitalização de igrejas, Harry Reeder lembra a ênfase de Paulo sobre a prioridade do ministério da Palavra a ser exercido na igreja de Éfeso. Além do mais ele ressalta que “os apóstolos forneceram o modelo para toda a liderança da igreja, especialmente aos pastores, quando disseram: ‘Nós nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra’ (At 6.4)”.<sup>38</sup> O fato é que restaurar a prioridade da Palavra na vida da igreja é fundamental para a sua revitalização. Contudo, este restabelecimento da prioridade das Escrituras exige não apenas crer, mas obedecer a Palavra útil para o aperfeiçoamento de todo servo de Deus (2Tm 3.16-17).

Talvez a melhor ilustração da importância da Palavra no processo de revitalização do povo de Deus seja encontrada na história de Neemias. O livro de Neemias pode ser propriamente dividido em duas partes principais. A primeira narra como aquele servo de Deus foi utilizado para organizar e supervisionar a reconstrução dos muros ao redor de Jerusalém. O resultado foi um trabalho notável no período recorde de cinquenta e dois dias (Ne 6.15). No entanto, a segunda parte do livro fala sobre a restauração do povo de Deus, aqueles que habitavam em Jerusalém. Enquanto que na primeira etapa foram necessárias devoção pessoal, habilidades administrativas e capacidade de trabalhar com objetos de construção, o segundo passo do projeto exigiu a leitura, exposição e aplicação da Palavra de Deus na vida do povo (caps. 8-13). Assim, somente quando as Escrituras são obedecidas e praticadas pelo povo de Deus há verdadeira revitalização.

Diferentes estudiosos sobre o crescimento saudável da igreja, bem como a experiência de algumas congregações que foram revitalizadas, enfatizam a prioridade da Palavra de Deus na vida dos crentes. Por exemplo, na pesquisa realizada por Ed Stetzer em cerca de trezentas igrejas pertencentes a dez denominações americanas, o missionário descobriu que os fatores mais eficazes de revigoração das congregações eram: oração, evangelismo e pregação da Palavra, especialmente aquela que enfatizava a aplicação da mesma na vida dos ouvintes.<sup>39</sup> Por essa razão, Michael Ross argumenta que a restauração da centralidade das Escrituras na vida da igreja deve ocorrer primariamente por

<sup>38</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 71.

<sup>39</sup> STETZER, Ed; DOBSON, Mike. *Comeback churches: How 300 churches turned around and yours can too*. Nashville, TN: B. & H. Publishing Group, 2007, p. 200.

meio do púlpito, ou seja, através da pregação expositiva do evangelho e da graça de Deus. Ross insiste que parte do problema da estagnação de muitas igrejas se deve à “pregação pobre” e, por isso, “a fim de que haja crescimento efetivo da igreja e revitalização o púlpito deve ser elevado à proeminência. O papel do pastor como líder em revitalização da igreja começa com sua função como pregador”.<sup>40</sup> Nesse sentido, ao invés de se gastar no esforço de evitar conflitos, atuar como o secretário executivo das determinações do conselho da igreja ou mesmo se esforçar por encontrar meios de entretenimento para os membros da igreja local, o pastor deve se dedicar ao ensino fiel e relevante da Palavra de Deus, visando sempre à obediência de sua congregação à mesma.

Outro princípio bíblico para a revitalização da igreja é a *dedicação a Deus em oração*. Como já foi mencionado no subtópico anterior, há vários estudos que ressaltam a importância da oração nas igrejas que experimentam um processo de revitalização. A esse respeito há que se lembrar ainda da observação de C. John Miller acerca das características das igrejas em declínio, pois além de desenvolverem ministérios internalizados, elas cultivam um estilo de vida mais dedicado a intrigas por preferências pessoais do que dependência de Deus em oração.<sup>41</sup> No entanto, igrejas que experimentam um processo de revitalização oferecem evidência de que o processo resultou da revitalização da vida pessoal de seus membros e isso por meio de um comprometimento mais sério com a oração diária.<sup>42</sup> Reeder lembra que “se há uma coisa que a igreja agonizante precisa é de oração”.<sup>43</sup>

A importância da oração no processo de revitalização da igreja pode ser observada a partir do estudo de como a igreja dos apóstolos respondia aos seus desafios. Por exemplo, diante da acirrada perseguição os discípulos oraram confirmando sua crença na soberania de Deus e confessando sua dependência total do Senhor (At 4.23-31). Ao invés de responderem com desânimo, desespero ou uma nova estratégia para se “acomodar” ao contexto cultural, a igreja se voltou para o Senhor em oração. O conteúdo daquela oração não foi apenas de lamentos e petições, mas louvor e convicção acerca da soberania de Deus. O resultado imediato foi o coração dos discípulos reanimado e motivado para a continuidade da pregação do evangelho em Jerusalém. Todavia, as dificuldades da igreja não eram apenas externas, mas também internas, pois meses depois houve discussão acerca das viúvas que deixavam de ser assistidas. A resolução dos apóstolos foi surpreendente, pois eles não acharam razoável abandonar a oração e o ministério da palavra, mas optaram pela escolha de

<sup>40</sup> ROSS, *Preaching for revitalization*, p. 20.

<sup>41</sup> MILLER, *Outgrowing the ingrown church*, p. 29-33.

<sup>42</sup> PARK, An effective strategy for church revitalization through a case study of Hosanna Church, p. 59-63.

<sup>43</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 58.

diáconos para cuidar da tarefa da assistência aos necessitados (At 6.1-4). Refletindo sobre aquele episódio, Reeder afirma: “A oração era tão importante para os fundadores da igreja e tão fundamental para o sucesso dela que eles estavam determinados a não se separar dela, nem mesmo por causa de outros ministérios bons e necessários”.<sup>44</sup> A dedicação dos apóstolos à oração específica é um desafio às igrejas contemporâneas quanto ao estabelecimento de suas prioridades ministeriais.

Finalmente, as Escrituras indicam que o processo de revitalização da igreja implica no comprometimento da mesma com a obra evangelística, ou seja, o *discipulado dinâmico*. A expressão “discipulado dinâmico” é empregada neste trabalho como sinônimo do zelo missionário, tanto por meio do evangelismo pessoal como do envolvimento sistemático no trabalho missionário. Em seu livro *Transformational churches*, os missiólogos Ed Stetzer e Thom S. Rainer defendem que as igrejas que experimentam um processo de revitalização são caracterizadas por uma mentalidade missionária e o compromisso com missões.<sup>45</sup> Além do mais, o compromisso dessas igrejas com a evangelização não é esporádico ou circunstancial, mas intencional e sistemático. Outro estudante do assunto observa que as igrejas que crescem são aquelas que fazem da Grande Comissão um elemento central em sua prática ministerial e desenvolvem várias estratégias em prol do alcance dos não cristãos com a mensagem do evangelho.<sup>46</sup> Essa atitude parece funcionar como antídoto contra o erro das igrejas em declínio de estreitarem sua visão do Reino, reduzindo-o à sua denominação ou à congregação local.<sup>47</sup> Em seu compromisso com o discipulado dinâmico, a igreja em processo de revitalização não se contenta em “falar de Cristo para os outros” ou mesmo “evidenciar sua fé por meio do comportamento”, mas se mostra persistente no ministério da formação de pessoas totalmente comprometidas com Cristo, com o seu serviço e o seu testemunho no mundo.

A conexão entre o discipulado dinâmico e a revitalização da igreja consiste no fato de que a igreja viva proclamará vida. A vida repercute da igreja revitalizada de tal forma que isso influencia outros e repercute sobre os seus próprios membros como aconteceu com a igreja de Tessalônica (cf. 1Ts 1.2-10). Além do mais, no período em que a igreja de Éfeso estava cheia de vigor ela demonstrou intenso zelo missionário, havendo “ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor” (At 19.10). Por essa razão, Tim Keller defende que a plantação de igrejas é uma das melhores estratégias para a revitalização de congregações que se encontram em processo de decadência,

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> STETZER, Ed e RAINER, Thom S. *Transformational churches: Creating a new scorecard for congregations*. Nashville, TN: B. & H. Books, 2010.

<sup>46</sup> HULL, Bill. *The disciple-making church*. Grand Rapids, MI: Baker, 2010, p. 211-216.

<sup>47</sup> MILLER, *Outgrowing the ingrown church*, p. 29.

conquanto se cuide para que essas igrejas plantadas não sejam meras réplicas de igrejas enfermas.<sup>48</sup> Outro aspecto positivo desse compromisso com o discipulado dinâmico encontra-se no fato de que, por meio de sua prática, igrejas buscando revitalização rejeitam a “mentalidade copista”, ou seja, a tentativa de tentar reproduzir outras igrejas, correndo o risco até mesmo de alterar a identidade ou doutrina da congregação que necessita de restauração do seu vigor.

Concluindo, há que se evitar refletir sobre a revitalização da igreja como sendo o resultado de uma “estratégia particular” ou mesmo o ministério dinâmico de um “líder carismático”. As Escrituras testificam que a verdadeira revitalização é fruto de um esforço múltiplo na aplicação de variados princípios estabelecidos pelo próprio Senhor da igreja. Em última análise, o crescimento e a revitalização da igreja é prerrogativa do Deus vivo e por meio da aplicação dos princípios bíblicos o povo de Deus confiantemente aguarda a restauração daquelas igrejas enfermas.

### 3. SUGESTÕES ESTRATÉGICAS TEOLOGICAMENTE ORIENTADAS

O processo de revitalização de igrejas pode ocorrer lentamente e exige mais paciência do que alguns estão dispostos a dedicar. Essa natureza demorada faz com que os resultados se assemelhem mais a um “banho-maria” do que ao imediatismo do “micro-ondas”. No entanto, algumas pessoas, pressionadas por resultados, tendem a lançar mão de propostas estratégicas miraculosas, a maioria das quais se fundamenta sobre o pragmatismo ao invés de uma teologia sadia. Por essa razão, o uso de estratégias na revitalização de igrejas tem sido fonte de conflitos e confusões. O resultado final parece ser mais enfermidade do que saúde para as igrejas em decadência. Considerando que há fundamentos e princípios teológicos acerca da tarefa de revitalização, a melhor alternativa parece ser o desenvolvimento de estratégias que sejam orientadas por essa estrutura doutrinária.

Geralmente as estratégias de revitalização de igrejas são consideradas quando a liderança local percebe os sinais de declínio em sua congregação. Embora esses sinais dependam do contexto, há certos indicadores comuns a toda igreja que começa a perder sua saúde e necessita de revitalização. Dessa forma, um dos primeiros passos da liderança local pode ser considerar se a igreja se mantém paralisada em uma rotina habitual que não resulta em progresso algum. Essa condição tem sido geralmente denominada de “mentalidade de manutenção”, ou seja, quando a única preocupação da igreja é “persistir”.<sup>49</sup>

<sup>48</sup> KELLER, Tim. Why plant churches. Redeemer Presbyterian Church. Artigo não publicado, 2002, p. 3-4. Disponível em: <http://www.redeemer2.com/resources/papers/why%20plant%202%2011%20TLeaders.pdf>. Acesso em: 22 set. 2011.

<sup>49</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 15.

Nessa etapa a igreja se torna mais focalizada no problema do que em qualquer possibilidade de solução, pois, como afirma Miller, ela passa a desenvolver uma “mentalidade de túnel”, focada em suas próprias mazelas.<sup>50</sup> Outro detalhe a ser observado nessa etapa é o fato de a igreja se tornar mais dependente de fatores secundários do que da exposição clara da Palavra de Deus. Nesse ponto, a igreja em declínio se revela geralmente dependente de programas e eventos ao invés de revelar confiança nos meios previamente estabelecidos por Deus para o seu crescimento espiritual ou numérico. Reeder afirma que, nesses casos, “como uma pessoa que tem o costume de apostar na loteria espera ansiosa por um bilhete premiado, elas [essas igrejas] procuram por uma programação que ‘provocará uma mudança radical na igreja’”.<sup>51</sup> Por outro lado, há congregações que se tornam completamente dependentes da personalidade de seus líderes ao invés de recorrer à graça daquele que é a cabeça da igreja. Há outros sintomas que comumente têm sido mencionados na literatura sobre revitalização de igrejas, mas o fato é que a liderança deve estar sempre atenta para a saúde de sua congregação.<sup>52</sup>

A tentativa de implantar estratégias de revitalização que sejam teologicamente orientadas implica no zelo para que a “mensagem governe os métodos”. Nesse sentido, a mensagem do evangelho deve ter primazia, pois muitas igrejas se acham enfermas justamente por terem negligenciado essa mensagem.<sup>53</sup> Quando o método se torna mais importante do que a mensagem ou quando esta é corrompida por aquele, o resultado pode ser mais nocivo à igreja do que benéfico. Assim, merecem prioridade aquelas estratégias que revelam harmonia com os princípios bíblicos para a revitalização de igrejas anteriormente considerados. daquelas que atendem a esse quesito é possível ressaltar seis: capacitação da liderança, estabelecimento de um grupo de intercessores, criação de pequenos grupos, pregação expositiva, evangelismo criativo e celebração da comunhão. Surpreendentemente, essas estratégias têm sido grandemente utilizadas nos casos de igrejas revitalizadas.<sup>54</sup> O próximo passo neste artigo consiste em rápidos comentários acerca de cada uma delas.

A primeira estratégia em harmonia com os princípios bíblicos de revitalização de igrejas é a *capacitação da liderança local*. Já foi observado que é “virtualmente impossível recobrar a vida e a motivação missionária se os

<sup>50</sup> MILLER, *Outgrowing the ingrown church*, p. 29.

<sup>51</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 12.

<sup>52</sup> Em sua obra sobre o assunto, Harry Reeder lista sete sintomas e C. John Miller aponta outros fatores comumente encontrados em igrejas enfermas.

<sup>53</sup> DEVER, *O que é uma igreja saudável?*, p. 63-68.

<sup>54</sup> Cf. STETZER e RAINER, *Transformational churches*; HULL, *The disciple-making church*, p. 211-216; MILLER, *Outgrowing the ingrown church*; PARK, *An effective strategy for church revitalization through a case study of Hosanna Church*.

líderes e os membros da congregação aceitam o status quo como normal”.<sup>55</sup> Dessa forma, uma estratégia eficiente da recuperação do vigor da igreja deve começar com sua liderança.

Um dos grandes problemas relacionado à liderança de igrejas locais é a falta de capacitação. Geralmente os líderes são bem intencionados, mas simplesmente não sabem como agir e nem se sentem “pastores do rebanho”. Assim, o desenvolvimento de meios para capacitar os líderes deve ser uma prioridade para as igrejas que almejam revitalização. Essa capacitação, porém, não deve ocorrer apenas no campo teórico e abstrato, mas também no campo prático. Os líderes de diversas igrejas que experimentaram revitalização reconheceram suas limitações e fraquezas, bem como se dedicaram à busca de um melhor preparo para cuidar do rebanho do Senhor. Nesse sentido, as reuniões de liderança deixam de ser meramente encontros burocráticos e se tornam ocasiões para compartilhamento e aprimoramento da perspectiva bíblica de liderança. Park e Reeder testificam sobre o impacto que esses encontros causaram em suas igrejas locais.<sup>56</sup> Outras atividades nesse sentido incluem cursos de preparação de líderes, programas de visitação dos líderes aos membros da congregação e projetos que incluem a participação da liderança em aconselhamento e evangelização. O fato é que os membros da igreja se sentem mais motivados a se dedicar em prol da restauração da mesma após observarem a dedicação dos seus líderes. Considerando que liderar é influenciar, uma liderança capacitada influenciará eficientemente, enquanto a liderança despreparada o fará negativamente. A observação do cuidado que Jesus e os apóstolos, especialmente Paulo, tiveram com a capacitação dos seus discípulos para exercer a liderança deveria motivar qualquer pastor interessado na revitalização de sua igreja a se empenhar melhor na capacitação dos seus líderes.

Ao longo dos anos em seu ministério de revitalização, Reeder concluiu que um currículo de capacitação de líderes deve incluir, no mínimo, três ênfases: caráter, conteúdo e competência.<sup>57</sup> O primeiro diz respeito à condição *sine que non* para alguém exercer liderança na igreja de Cristo (cf. 1Tm 3). Considerando que liderar é influenciar, o caráter aprovado é essencial para se ter bons líderes na igreja. O segundo diz respeito àquilo que o líder precisa conhecer e estar convicto a fim de conduzir sua igreja segundo a Palavra do Senhor e à sua doutrina. O terceiro guarda relação com as habilidades necessárias de líder em seu ministério junto ao rebanho de Cristo. Certamente essas três ênfases parecem um excelente ponto de partida no estabelecimento de um projeto de capacitação da liderança de uma congregação local.

<sup>55</sup> MILLER, *Outgrowing the ingrown church*, p. 72.

<sup>56</sup> PARK, An effective strategy for church revitalization through a case study of Hosanna Church, p. 60; READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 93-94.

<sup>57</sup> READER III e SWAVELY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 94-101.

Considerando a importância do exercício da oração no processo de revitalização, a segunda estratégia a ser considerada nesse sentido é o *estabelecimento de um grupo de intercessores* na igreja local. Reeder afirma que “se há uma coisa de que uma igreja agonizante precisa é de oração”.<sup>58</sup> Dessa forma, uma liderança interessada no resgate da revitalização da igreja deve começar dedicando tempo e esforços em prol da oração. Aquilo que começa com a liderança pode se estender para outros membros da igreja, constituindo assim um grupo de intercessores comprometidos com esse ministério.

Uma característica comum nas igrejas em declínio espiritual é o fato de que várias abandonaram as reuniões de oração. Em algumas igrejas, quando existe, o conteúdo das orações acaba diluído em petições materiais ou de interesses pessoais. Todavia, o padrão bíblico das orações em prol da vitalidade da igreja e do avanço do reino consiste em súplicas e petições em prol do benefício do corpo de Cristo, mesmo quando esse alvo implica em sofrimento e perda pessoal. Um exemplo claro nesse sentido pode ser encontrado na oração registrada em Atos 4.23-31, que foi feita em submissão à soberania de Deus, com o comprometimento dos cristãos em prol do avanço da obra do Senhor e a despeito do risco de morte daquelas pessoas. Consequentemente, o resultado daquela oração foi que “tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos” (Atos 4.31). Dessa forma, a formação de grupos de intercessão na igreja que deseja revitalização é uma estratégia que nunca deve ser ignorada.

Outra estratégia que tem se revelado altamente eficiente na revitalização de igrejas é a implementação de *pequenos grupos*. A esse respeito é importante considerar a afirmação de Miller quanto ao fato de que “esses grupos hoje podem se tornar poderosos instrumentos do Espírito tanto para a renovação interna como para a expansão missionária da igreja local”.<sup>59</sup> Além do mais, a história dos avivamentos do século 18 evidencia a imensa relevância desses grupos na restauração do povo de Deus.<sup>60</sup> O pequeno grupo pode se constituir de cinco a trinta pessoas, pois de outra forma não será um grupo ou não será mais tão pequeno. O surpreendente é que a maior parte das igrejas se encontra estruturada em torno de pequenos grupos (grupos de jovens, sociedade feminina, grupos de homens, etc.), mas não fazem uso eficiente dos benefícios a serem desfrutados por meio desses agrupamentos.

Dentre vários aspectos positivos dos pequenos grupos, há que se destacar a possibilidade de uma integração mais eficiente, na qual as pessoas podem ultrapassar o estágio do mero conhecimento formal e atingir o nível do conhecimento pessoal, o que é mais edificante. Além do mais, os pequenos grupos

<sup>58</sup> READER III e SWAVELEY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 58.

<sup>59</sup> MILLER, *Outgrowing the ingrown church*, p. 162.

<sup>60</sup> WOOD, A. Skevington. *The inextinguishable blaze: Spiritual renewal and advance in the eighteenth century*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1960, p. 148-175.

podem ser mais bem sucedidos na mobilização de seus integrantes em prol das atividades de crescimento da igreja. Outro benefício diz respeito a um melhor aprofundamento do conhecimento bíblico dos membros dos pequenos grupos. A possibilidade de compartilhar a compreensão das Escrituras uns com os outros, solucionar dúvidas que em um contexto mais amplo nunca seriam admitidas, bem como de apreender mais eficientemente alguns conceitos da história da redenção conforme revelada na Bíblia são oportunidades comumente presentes nas reuniões dos pequenos grupos. Finalmente, os pequenos grupos se revelam excelentes meios de evangelização pessoal. O fato de as reuniões geralmente ocorrerem em ambientes considerados “neutros” por não-cristãos acaba por facilitar a presença dos mesmos nesses encontros. Além do mais, a instrução não-formal que ocorre nesses contextos convida à participação e compartilhamento até daqueles que ainda não experimentaram verdadeira conversão.

Devido à sua natureza e suas características comuns, a implementação dos pequenos grupos se revela uma força especial no processo de revitalização de igrejas. Certamente que o sucesso dessa estratégia não é automático, pois o crescimento da igreja é sempre proveniente de Deus (1Co 3.6-7). Porém, em sua experiência no processo de revitalização da Igreja Presbiteriana Hosana, na Coreia do Sul, Park destaca o papel dos pequenos grupos no avanço ocorrido sob a graça de Deus.<sup>61</sup>

A terceira estratégia em prol da redescoberta da vitalidade de uma igreja em declínio diz respeito à fidelidade na *exposição da Palavra de Deus*. Considerando que a fé vem pelo ouvir da Palavra e é fortalecida por meio da Palavra, a exposição bíblica é um fator imprescindível no processo de revitalização de igrejas. Embora haja discussão quanto aos variados métodos de exposição, há um acordo entre os estudiosos do tema no sentido de que a verdadeira exposição consiste na *explicação* do texto bíblico conforme o seu propósito original e a *aplicação* do mesmo aos ouvintes contemporâneos. Esses dois elementos necessitam ser mantidos em equilíbrio, pois a atenção a um e o desprezo ao outro não resulta na exposição fiel da Palavra à igreja do Deus vivo. O ouvinte necessita ter segurança de que Deus fala a ele por meio de sua Palavra, pois somente assim ele procurará obedecer à Palavra de Deus.

A fim de estabelecer um planejamento eficaz para as exposições bíblicas, a liderança da igreja local deve atentar para uma série de estudos que atendam às necessidades do crescimento da congregação. Essas exposições podem ser temáticas ou o estudo sequencial de livros da Bíblia. Em ambos os casos, a objetividade deve ser o alvo a ser perseguido. Ao longo do seu ministério na Igreja Presbiteriana de Briarwood, no Alabama, Harry Reeder tem persistido sistematicamente na pregação da graça de Deus conforme ensinada nas Escri-

<sup>61</sup> PARK, An effective strategy for church revitalization through a case study of Hosanna Church, p. 88-89 e 111-114.

turas.<sup>62</sup> C. John Miller, por sua vez, afirma ter exposto contínuas mensagens sobre o engajamento da igreja em missões e evangelismo enquanto atuava no projeto de revitalização da Igreja Presbiteriana Nova Vida, na Pensilvânia.<sup>63</sup> No entanto, grande parte daqueles que militam nesse ministério têm encontrado grande auxílio na exposição sistemática de livros da Bíblia. Michael Ross oferece variados exemplos a esse respeito em sua obra sobre esse assunto. Algo positivo a ser feito nesse sentido é iniciar pequenas séries nas quais livros completos das Escrituras são dominicalmente expostos, pois assim as Escrituras podem se “tornar vivas” para os seus ouvintes.

No processo de revitalização de igrejas há de se considerar também a importância do *evangelismo criativo*. Por meio dessa prática, cada igreja local pode optar pelos melhores métodos de anunciar a mensagem do evangelho em seu contexto específico. Por exemplo, uma igreja em um contexto urbano fará bom proveito das diferentes redes de relacionamentos dos seus membros a fim de alcançar outras pessoas com a mensagem da vida eterna. Também, congregações estabelecidas em contextos universitários podem ser bem-sucedidas mediante o ministério com jovens. Apesar de outros exemplos, o fato é que cada igreja necessita estar ciente do contexto em que se encontra a fim de procurar desenvolver meios que alcancem as pessoas ao redor.

Conquanto relevante, a consideração do contexto não é suficiente. A fim de desenvolver efetivas estratégias de evangelização, é necessário que os membros de uma igreja que anseia por revitalização personalizem seu relacionamento com Cristo. O fato é que Cristo necessita ser amado mais do que um conceito teológico ou uma abstração religiosa. Somente a partir de um relacionamento pessoal com o Salvador os cristãos se motivarão a serem criativos para apresentá-lo a outros. Também é necessário que os cristãos aprendam a meditar diariamente na mensagem do evangelho, pois ninguém se sentirá pessoalmente motivado a compartilhar aquilo que não compreende. Há outros passos importantes a serem tomados nesse sentido, mas esses elementos práticos iniciais poderão ajudar a igreja a ser mais segura na elaboração de diferentes meios para compartilhar a mensagem do evangelho com o seu contexto.

A fim de auxiliar a igreja a desenvolver abordagens evangelísticas criativas, Tim Keller sugere que os cristãos desenvolvam três elementos em sua abordagem evangelística. Em primeiro lugar, que eles aprendam a distinguir corretamente entre evangelho e religião, pois muitos pensam estar evangelizando quando na verdade estão apenas realizando proselitismo proclamando conceitos religiosos que não possuem fundamentos no evangelho. Eles também devem aprender a integrar suas convicções cristãs à sua vida profissional, pois

<sup>62</sup> READER III e SWAVELEY, *A revitalização da sua igreja segundo Deus*, p. 42-56.

<sup>63</sup> MILLER, *Outgrowing the ingrown church*, p. 67-134.

alguns vivem uma dicotomia entre o que professam e o que praticam em suas profissões, como se alguém obtivesse uma “licença celestial” para exercer uma cosmovisão pagã em seu ramo de trabalho, ou como se o cristianismo não fosse relevante nessa arena. Finalmente, que mantenham o compromisso prático de proclamar a verdade do evangelho tanto por meio de palavras como por atos de misericórdia e de bondade para com os não-cristãos.<sup>64</sup> O fato é que a prática evangélica da igreja que anseia por revitalização necessita ser intencional, constante e multifacetada. Dessa forma, a evangelização não será meramente mais um “programa”, mas um estilo de vida dos membros da igreja.

Finalmente, uma igreja que anseia por revitalização necessita desenvolver estratégias que possibilitem uma *celebração dinâmica da comunhão* entre os seus membros. A carta aos filipenses retrata uma igreja que enfrentava conflitos devido à dissensão entre duas irmãs e aquilo afetava a saúde da congregação de tal forma que o apóstolo Paulo se sentiu no dever de escrever-lhes uma carta em prol da reconciliação. Esse exemplo bíblico retrata suficientemente a importância da celebração da comunhão fraternal no processo de revitalização de igrejas.

Com respeito à comunhão fraternal na igreja, há que se estabelecer uma importante distinção. Embora muitos enfatizem a necessidade da “comunhão de verdade”, nenhuma comunhão pode ser verdadeira se ela não for “comunhão na verdade” (cf. Ef 4.15). Dessa forma, a Palavra de Deus deve ser o fundamento dos relacionamentos edificantes no corpo de Cristo. Nenhum relacionamento resultará em vida se ele não for embasado na Palavra de Deus.

Em resumo, quando alguém compreende os fundamentos teológicos da revitalização da igreja, bem como os princípios bíblicos a serem aplicados nesse sentido, cada estratégia aplicada deverá estar em plena harmonia com eles. De outra forma, as estratégias não serão teologicamente orientadas, e sim escolhidas com base na motivação pragmática, preferência pessoal ou mesmo na mentalidade imitadora de alguns líderes que tentam reproduzir em suas congregações a identidade de igrejas ao redor. O problema é que o resultado não será revitalização real, mas apenas refrigérios temporários que poderão resultar em frustrações e maiores enfermidades. Somente as estratégias teologicamente orientadas poderão resultar em uma igreja saudável, pois elas refletem as diretrizes divinas para sua igreja neste mundo.

## CONCLUSÃO

Certamente há diferentes maneiras de se abordar a necessidade de a igreja cristã buscar ser saudável e viva. A maioria dos enfoques a esse respeito se concentra em estatísticas, crescimento numérico, estratégias de marketing e

<sup>64</sup> Cf. KELLER, Tim. Being the church in our culture. Reformed and Resurgence Conference, 2006. Material não publicado.

princípios encontrados no mundo corporativo. O problema é que, ao resultar em vivificação dessas congregações, essas abordagens acabam por solidificar o declínio de algumas igrejas, pois elas reproduzem empresas religiosas ao invés de contribuir para o restabelecimento da vitalidade da igreja de Cristo.

Este artigo procurou apresentar uma abordagem alternativa da revitalização da igreja. Essa análise se orientou por princípios e diretrizes bíblicos e teológicos. A pressuposição básica desse modo de tratar o assunto consiste na convicção de que somente estando fundamentado nas Escrituras um processo de revitalização de igrejas poderá ser bem-sucedido.

### **ABSTRACT**

A review of the literature on church revitalization shows several approaches common to this topic. However, an analysis of the representative majority of these approaches suggests a pragmatic orientation as a characteristic element of those responsible for these studies. Thus, there is an urgent need for an approach guided by the biblical-theological teaching on this theme. Considering the presupposition that the Christian church is more than a social construct, the author of this article proposes a theological analysis on church revitalization that reveals necessary biblical principles and guidance in order to develop strategies applied to the process of recovering the vitality of churches in decline. This article is divided into three basic subtopics. The first one establishes a theological foundation necessary to understand the vital cycle of the Christian church. Due to the understanding of some biblical doctrines, it is possible to reflect and discuss the necessity of church revitalization as well as foster some healthy theological expectations toward this goal. The second subtopic considers the main biblical principles related to the revitalizing process in a church. For brevity's sake, this study summarizes those principles into four topics, but the student of Scriptures may identify other precepts. Finally, the third part suggests several strategies to be applied by leaders committed to church revitalization. Each strategy is closely connected to the theological foundation and the biblical principles formerly discussed. Thus, the author seeks to present an alternative approach to church revitalization that may contribute to efforts toward such an important theme.

### **KEYWORDS**

Church revitalization; Theological foundations; Biblical principles; Strategies; Pragmatism.